

Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo: representações em periódicos do decênio de 1930 no RN

Maria Aparecida de Almeida Regoⁱ (UFRN)
Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújoⁱⁱ (UFRN)

Resumo:

*Nos anos 1930, no Rio Grande do Norte, a literatura disputava um lugar no espaço do jornal e, ao mesmo tempo, manifestava-se em revistas que surgiam no ambiente em processo de modernização. A maior parte dessa produção está noticiada em jornais e revistas da época postos sob a guarda dos arquivos públicos. Nesse sentido, percebe-se uma forte ligação entre o jornalismo e a literatura, ligação essa que rendeu nomes significativos nas duas áreas de atuação. O artigo **Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo: representações em periódicos do decênio de 1930 no RN** apresenta um estudo sobre algumas seções do jornal **A República** assinadas por Eloy de Souza e Luís da Câmara Cascudo nos anos de 1930. Esses escritores, além das inúmeras publicações, também fizeram parte da administração do jornal durante alguns anos e atuaram como motivadores da cultura e da literatura norte-rio-grandense.*

Palavras-chave: Década de 1930. Jornal. Literatura.

1 Introdução

A produção literária e cultural do Rio Grande do Norte, desde meados do século XIX (período em que a imprensa instalou-se no estado), esteve presente nas páginas dos jornais e folhetins. Nesse contexto, o presente estudo refere-se às produções jornalísticas de Eloy de Souza e de Luís da Câmara Cascudo publicadas no jornal *A República* durante os anos de 1930, com o objetivo de dar continuidade a estudos existentes sobre os anos de 1920.

A necessidade de preservação e o estudo do material existente desse período publicado em jornais é o ponto de partida para o desenvolvimento de projetos de pesquisas no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Projetos anteriores já contemplam análises das representações literárias acontecidas no Rio Grande do Norte no contexto da moderna literatura brasileira ao longo dos anos de 1920: Araújo (1995), sobre o movimento modernista no Rio Grande do Norte e sobre o *Livro de Poemas de Jorge Fernandes* como manifestação modernista; Costa (2000), sobre as publicações em revistas literárias inseridas no projeto de modernização; Ferreira (2008), sobre o diálogo das produções de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo no contexto do regionalismo e modernismo no Nordeste; Monteiro (2003) sobre a produção e publicação de crônicas nos jornais norte-rio-grandenses. Tais estudos confirmam a figura de Luís da Câmara Cascudo como um incentivador cultural e a co-existência de dois grandes movimentos culturais no Rio Grande do Norte: o modernismo e o regionalismo, os quais colocam em pauta a linguagem local, a temática rural e o homem do sertão como personagem das novas formas de poetizar.

Estudos como esses servem para resgatar experiências passadas e entender algumas motivações imprescindíveis à formação do pensamento histórico, às relações de permanência e mudança, semelhança e diferença em relação ao presente, além de cultivar a memória acesa para esclarecer acontecimentos futuros.

Na década de 30 do século passado, já era grande o número de jovens intelectuais que atuavam na imprensa norte-rio-grandense, nos mais variados jornais. Os jornais, além de cumprirem com sua função social, serviram de “vitrine” para muitos desses escritores que por suas páginas gravaram seus nomes e firmaram-se nas letras potiguares. No jornal *A República*, por exemplo, muitos de seus diretores eram escritores e alguns exerceram também funções políticas no estado ou na capital, a exemplo de Eloy de Souza, Henrique Castriciano, Luís da Câmara Cascudo e Edgar Barbosa.

Torna-se difícil realizar com exatidão o levantamento de todas as publicações de Eloy de Souza e Câmara Cascudo nos jornais locais nos anos de 1930, uma vez que nessa época, segundo Melo (1987) já eram diversos os periódicos, ultrapassando mais de trinta, organizados por agremiações, associações literárias, grupos de amigo(a)s, alguns de pouca duração, mas de tamanha importância que apresentavam colaborações literárias e, na maioria, os dois intelectuais atuavam. Diante desses dados, o corpus da pesquisa que apresentamos são as publicações encontradas no jornal *A República*.

2 A República: entre o jornalismo e o literário

A necessidade de fazermos um breve estudo sobre a fonte pesquisada surgiu como uma forma de compreender o cenário das publicações. Assim, O jornal *A República* (fundado por Pedro Velho em 1º de julho de 1889), “Nasceu com uma intencionalidade política; embora, posteriormente tenha servido bastante à divulgação de nossa literatura” (FERNANDES, 2006 p. 149). Espaço acolhedor de variadas tendências literárias e culturais, das mais tradicionais e conservadoras até a divulgação de movimentos de vanguarda, as páginas de *A República* guardam nomes dos principais autores da política e da literatura do Rio Grande do Norte entre o final do século XIX até os anos 80 do século XX. O primeiro artigo literário publicado em *A República* foi um soneto de Segundo Wanderley em 1890. A partir de então, diversas seções literárias surgiram para publicações de poesias, crônicas e folhetins.

Policarpo Feitosa, no livro *Quase romance Quase Memória* (1969) descreve o ambiente político-jornalístico do jornal *A República*. Essa junção entre políticos e jovens intelectuais talvez tenha sido o fator propício à popularização do jornal e o espaço que este dedicou à produção literária do estado. Nesse ambiente, os diretores e redatores Eloy de Souza, Aderbal de França e Luís da Câmara Cascudo ganharam destaque: além de estarem envolvidos com as questões administrativas do jornal, também publicaram diversos artigos literários. Eloy de Souza (diretor de 1914 a 1924 e de 1937 a 1939) criou as colunas *Pequenos Ecos*, *Cartas de um Desconhecido* e *Cartas Sertanejas* (assinadas sob o pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro). Aderbal de França e Luís da Câmara Cascudo iniciam em 1928 como redatores. O primeiro inicia em junho do mesmo ano a seção *Vida Social*, assinada sob o pseudônimo de Danilo, vindo a inaugurar o colunismo social norte-rio-grandense. Foi também o fundador da Revista

Cigarra (1928 a 1930), uma espécie de *Fon-fon* regional. Já Cascudo, inicia sua participação em *A República* com uma espécie de relatório de viagem científica. Anos mais tarde, Cascudo inaugura a seção *Autores e Livros*, um espaço para a crítica literária, além de tantos outros artigos esparsos de assuntos variados.

Na trajetória de *A República*, alguns fatos o tornaram um jornal ímpar de comunicação no estado, a exemplo da divulgação pioneira no Brasil, segundo Fernandes (2006), do *Manifesto do Futurismo* em 05 de junho de 1909, sendo assim veículo de novas ideias, artes e literatura em nível nacional. Os anos 1920 marcaram nas páginas do jornal, através das seções literárias, a efervescência do movimento modernista, bem como a divulgação de poetas que se tornaram símbolos de nossa literatura, como Jorge Fernandes.

Já nos anos de 1930 se consolidaram os encaminhamentos literários e, mais uma vez *A República* deu conta desses acontecimentos através dos diversos artigos publicados, a exemplo de “A Temporada Literária de 1930” (*A República*, 03 de julho de 1930 p. 01) noticiando suas atividades, acompanhando as conferências, além de reproduzi-las em alguns trechos. O jornal guardava em algumas de suas edições páginas reservadas à publicação da produção literária através das seções intituladas “literatura” (suplemento que surge em 1938). Nessa seção, podia-se contemplar a escrita de Palmira Wanderley, Seabra de Melo, Veríssimo de Melo, dentre outros nomes que fizeram história nas letras potiguares.

Nessa perspectiva, consideramos que os jornais, alguns com mais intensidade que outros, contemplavam a divulgação das frequentes atividades culturais: as apresentações no cinema Rex e Teatro Carlos Gomes, os festivais, os concertos e os concursos literários e de pintura. Esses registros mostravam também a ideologia defendida por cada jornal através da divulgação do dinamismo da cidade, atualizando os leitores com os noticiários dos fatos ocorridos e sobre os avanços de urbanização, a situação administrativa e econômica do estado, os conflitos nacionais. Outro papel importante desempenhado pelos jornais foi, e até hoje é, a divulgação das propagandas comerciais que se intensificaram na década de 30 e ocuparam páginas inteiras, objetivando apresentar facilidades à vida do homem moderno.

3 Eloy de Souza e Câmara Cascudo

Totalizamos mais de cem artigos esparsos de Eloy de Souza e Câmara Cascudo, publicados ao longo da década de 30, entre os gêneros da prosa: resenhas, crônicas, notas, cartas, trechos de conferências e palestras, considerados como gêneros discursivos no campo entre o jornalismo e a literatura. Esse material possibilita estudos importantes e necessários, os quais também podem dar continuidade a outros já existentes.

Nesse contexto, havia também a divulgação da publicação de livros de poemas e de romances. Esses livros, na maioria das vezes, eram resenhados nas páginas de *A República* na seção de *Livros Novos, Autores e Livros e/ou Bibliografias*, a exemplo de **Roseira Brava** (1929), de Palmyra Wanderley; **A alma e a poesia do litoral do Nordeste** (1930), de Eloy de Souza; **Gizinha** (1930) e **Alma Bravia** (1934), de Policarpo Feitosa; **Pussanga** (1930), de Peregrino Junior; **Macau** (1933), de Aurélio

Pinheiro; **Os Brutos** (1938), de José Bezerra Gomes e **O Calvário das Secas** (1938), de Eloy de Souza. Esses dados apresentam um quadro das manifestações literárias do estado do Rio Grande do Norte em meio a discussões como localismo, conservadorismo e desejo de modernidade. O desenvolvimento apontado ao estado era perceptível nas páginas do jornal: a intensificação dos fatos através dos noticiários, além de intensas divulgações das atividades culturais e os serviços prestados à população a partir do desenvolvimento do meio urbano e das tentativas de redução das consequências da seca ao homem do campo.

Os jornais, já em 1930, ou antes, atualizavam os leitores sobre alguns fatos da cidade e do mundo, além de servir como mostruário para a publicidade de vários produtos. Isso mostra que a vida natalense era atualizada e ganhava dinamismo através dos jornais, rádio, livros, incorporando elementos da modernidade ao cotidiano da cidade. Dentro das publicações dos dois intelectuais já citados, algumas seções despertaram nosso interesse, e sobre estas, apresentaremos um sucinto recorte:

3. 1 Notas de uma viagem remota

Escritas por Eloy de Souza, publicadas ao longo do ano de 1930, retratam as impressões deste sobre sua ida ao Egito em 1910. Por desempenhar funções políticas, e, preocupado com as questões sociais e econômicas do Nordeste, o objetivo da viagem era o de conhecer as grandes barragens e o sistema de irrigação, com o intuito de trazer sugestões que minimizassem o problema da seca no Nordeste brasileiro. Entre outras iniciativas, Eloy de Souza destaca-se pelo pioneirismo na criação de programas de combate à seca. Nessas “notas”, o autor não se limita só a apresentar as analogias geográficas entre o Egito e o Brasil. São mais de dez relatos pessoais, com traços subjetivos e líricos, por meio dos quais descreve a forma de vida egípcia, a religiosidade, os costumes, as tradições, além de retratar, como qualquer outro viajante, algumas anedotas da terra dos faraós. Ainda não temos informações se essas notas foram publicadas em outro veículo de divulgação, entre o período da viagem aos anos de 1930. O trecho abaixo corresponde à maneira como os egípcios tratam as árvores:

[...]

O que vi no Egito não confirma o julgamento. Há pelas cidades e pelos campos um extremoso cuidado pelas árvores. A desolação manifestada por toda a gente da cidade em face dos destroços de uma arborização mantida em grande parte pela carinhosa colaboração do povo com o poder público, transportou-me em pensamento a Natal, onde não há pelas árvores o desvelo correspondente aos benefícios que elas prestam. Em paragens, assim, de sol ardente, o arvoredo devia ser a mais constante preocupação dos natalenses porque somente graças à sua sombra a inclemência do clima pode ser atenuada. A tantas mil léguas de distância o voto que formulei foi o de ver aqui como estava vendo na cidade egípcia o culto pelas árvores, interessando todas as classes como um dever pessoal indispensável à própria vida. Ao contrario dessa devoção ainda hoje testemunhamos a frequência com que as crianças no descuido de suas travessuras retardam o crescimento das árvores pequeninas e maltratam o tronco e a copa das adultas, talvez à falta da lição paterna que lhes incuta nos espíritos desabrochantes o respeito devido a esses pobres seres

indefesos, eternamente chumbados à terra para abrigo certo a quantos lhes pedem na hora canicular sombra e repouso. [...]
(Notas de uma viagem remota, Eloy de Souza, *A República*, 24 ago. 1930 p. 01)

Nessas impressões, há uma crítica à forma como os potiguares lidam com as árvores e a vegetação em geral, sem a valorização desse bem natural tão agradável. Outra impressão relevante, identificada em outra “nota”, diz respeito a maneira como os egípcios cuidam dos jumentos e o valor que este animal tem, diferentemente do uso em terras potiguares.

3. 2 Cartas Sertanejas

Cartas assinadas por Jacyntho Canela Ferro, um dos pseudônimos de Eloy de Souza. As dezessete missivas identificadas datam de dezembro de 1937 a maio de 1938, correspondia a uma publicação semanal que já fizera parte das edições de *A República* na década anterior e eram todas encaminhadas ao redator do jornal. Na primeira missiva, de 28 de dezembro de 1937, Jacyntho diz que está de volta, depois de tantos anos, para apresentar lembranças do sertão, conforme o fragmento transcrito:

Sr. Redator:

Nesta nova série de cartas, o meu fim é unicamente, como já fiz de outras vezes, registrar usanças, fatos, costumes e tradições, que aproveitem aos que desejam estudar o meio nordestino. Não se trata, assim, de simples passatempo de velho sertanejo enfasiado de solidão. Certamente, encontro nesse convívio com os leitores do seu jornal distração que é prazer e seria vaidade se, escrevendo-as, pretendesse o galardão de escritor. Sempre fui um servidor da nossa boa terra; e esta tarefa semanal, ainda é uma maneira de servi-la, com o amor e o desinteresse de quem procura fazer o bem sem pensar sequer na recompensa da gratidão. Pago já estou de sobra pelo contentamento de poder recordar coisas e pessoas do passado e escrever as lembranças que a memória guardou destinadas à construção da história de nossa terra, para a qual não haverá pedras inúteis.

A labuta do sertanejo está tão mudada que vale a pena gravar no papel o que Ela foi, pois de outra maneira não poderemos compreender a utilidade de certos objetos, hoje esquecidos e que foram, entretanto, indispensáveis no seu tempo. [...]

E pena que não haja no nordeste um museu onde fossem recolhidas essas amostras de nossa indústria primitiva e da nossa lida sertaneja desde os tempos em que lutávamos contra índios e feras. [...]
(**Cartas Sertanejas**, Jacyntho C. de Ferro, *A República*, 15/02/1938, p. 03)

Percebemos nas cartas a divulgação de um sertão que se modifica ao passo em que a modernização se aproxima. Há uma tonalidade nostálgica e poética, mostrada com descrições que envolvem os hábitos do sertanejo, muitos deles já em desuso no contexto da escrita. Cada carta é uma história que abrange, além de pessoas que figuram na história do Rio Grande do Norte (Fabião das Queimadas, Dendé Arcoverde), a apresentação de hábitos curiosíssimos da tradição sertaneja como um legado, por exemplo, o mistério que envolve a vida dos animais do sertão, o preparo da carne de sol, a roupa de couro do vaqueiro. Notamos uma valorização do sertão (com todos os seus

elementos), bem como do sertanejo. Algumas cartas são finalizadas em modo refletivo e lamentam algumas mudanças que o tempo se encarregou de apresentar à vida do sertanejo. Concluímos que por meio de Jacyntho, Eloy de Souza apresentava e valorizava a tradição sertaneja, bem como resistência aos efeitos da modernização.

3. 3 Um livro que nos entristeceu

Essa seção ultrapassa mais de vinte e cinco publicações, entre os meses de maio e julho de 1938. Apesar de não serem assinados, temos o conhecimento de sua autoria: Dr. Eloy de Souza que no período fazia parte da direção de *A República* e era membro do Departamento de Obras Contra as Secas. Os artigos têm o objetivo de refutar o livro *O Problema das Secas no Nordeste Brasileiro*, do Dr. Clodomiro Pereira da Silva, engenheiro e professor da Universidade de São Paulo. Dentre os vinte e sete artigos identificados, encontramos, desde o início, opiniões contrárias às de Clodomiro Pereira da Silva sobre as soluções apontadas para resolver a problemática da seca. Eloy de Souza mostra conhecimento sobre o tema tratado e combate as propostas apresentadas pelo engenheiro. O norte-rio-grandense considera o livro *O Problema das Secas no Nordeste Brasileiro* prejudicial aos interesses do Nordeste, apresentando certas indignações sobre a forma como o tema é tratado, por proporcionar informações apressadas e sem conhecimentos ao verdadeiro Nordeste. Acrescenta também julgamento de valor sobre a publicação “o livro é anacrônico”, além de outros adjetivos que demonstram irritação para com a obra, conforme transcrição:

Antes de entrarmos na apreciação do livro do Dr. Clodomiro Pereira da Silva, somos forçados a considerar mais uma vez algumas opiniões exageradas no seu proêmio. Uma delas diz respeito a solução que importaria na compra de terras pelo governo em paragens ótimas do Brasil, para nelas tornar proprietários todos os atingidos pela penúria das secas, mudando-lhes porém os penates.

Não foi sem grande pesar que lemos esse alvitre, endossado agora por um nome ilustre, catedrático de uma das escolas de engenharia mais conceituadas do país, brasileiro com um bom sedimento de patriotismo. Nem como hipótese deveria o autor por honra a tais predicados, falar nesse êxodo organizado pelo próprio governo, que por essa forma se proporia, em várias etapas ocorrentes despovoar uma vasta extensão do Brasil, habitada por uma gente caldeada pelo sofrimento, inteligente e capaz, brava e apegada a terra natal, que tem sabido dignificar, contribuindo assim para a dignificação do Brasil! [...]

(Um Livro que nos entristeceu, *A República*, 21 maio 1938, p. 01)

Eloy de Souza aproveita os artigos para expor as conquistas da modernização do Nordeste, tais como o uso do automóvel, a energia elétrica, os açudes, as estradas e as escolas. Apresenta uma retrospectiva histórica, no intuito de mostrar tais avanços, ao mesmo tempo em que faz referência à viagem que fez ao Egito que objetivava trazer sugestões ao problema das secas e expõem as ideias de outros estudiosos que apresentam soluções técnicas, políticas e econômicas para resolver o flagelo da seca. Durante todo o período de publicação dos artigos, *A República* também publicava notas e cartas que o Dr. Eloy de Souza recebia como demonstração de agradecimentos à maestria com que os argumentos e a defesa ao Nordeste são apresentados. Encontramos também arquivos que transcrevem o discurso de Eloy de Souza em uma conferência

sobre o problema das secas, realizada em abril do mesmo ano, a convite da Sociedade Agropecuária do Estado. Em suma, Eloy de Souza, com toda a sua atuação, defendia o Nordeste, tinha conhecimento amplo sobre a região e buscava amenizar o flagelo das secas aos nordestinos, o que se confirma a publicação do livro *O calvário da Seca* (1938).

3. 4 Autores e Livros

Seção assinada por Luís da Câmara Cascudo teve a sua primeira publicação em 16 de março de 1930. Inicia com um agradecimento ao jornal por convidá-lo para assumir a seção. Sua responsabilidade seria comentar os livros que chegassem à redação de *A República*. Tais livros poderiam merecer reconhecimento ou ganhar um “enterro de primeira classe”, assim como escreve o resenhista. Essa não seria uma tarefa nova a Cascudo, uma vez que ainda na segunda década do século XX iniciava seu papel de divulgador cultural e crítico da produção literária potiguar nas páginas de *A Imprensa*, algo que se consolida ao publicar *Alma Patrícia*¹ (1921). Dentre os livros e autores comentados na seção *Autores e Livros* estão: *Vientos Del Brasil y otros Poemas*, de B. Sánchez Sáez; *Contemporaneos*, de Gonzaga Duque *Foguete de Lágrimas*, de Helio Peixoto; *Pussanga*, de Peregrino Júnior; *Dois Ensaios*, de Jorge de Lima; *Sob o olhar malicioso dos trópicos*, de Barreto Filho e *Parábolas*, de Francisco Gil Esquer. O trecho seguinte se refere a *Pussanga*:

Pussanga – PEREGRINO JUNIOR. Typ. Hispano-Americana. Rio 1930

É a segunda edição do livro de contos de Peregrino Junior. É a outra face de quem escreveu VIDA FUTIL. Um inesperado cronista, um fixador incisivo, claro, nítido, com uma precisão de detalhes, uma ciência de grafiação verdadeiramente magnífica. Em PUSSANGA não se sabe onde termina o fino espírito que escolheu e imobilizou aquela galeria deliciosa de tipos e principia o comentador sereno e triste no inferno verde dos seringais silenciosos. Não há neste livro leve despreocupado uma pretensão maior de “criar”, mas de lembrar cenas inesquecíveis. O paroará egresso dos estirões monótonos do rio leva para a cidade-grande o pavor instintivo e pitoresco como Eduardinho que Leitão reprovou cumprindo sem pensar a tradição de Feitiço ter “pezo”. Em Peregrino de PUSSANGA não se encontra uma só folha do JARDIM DA MELANCOLIA. De sua técnica bastaria o professor Leitão, terror-cosmico-do-quarto-ano-médico. Ninguém esquecerá o impertubavel mestre com seus “*que vêdes, moço? Atentai bem, jovem!*” de atribulada memória de quem o viu no elefante-branco da Praia-Vermelha.

Em PUSSANGA existe o atabalhoado do nortista que no extremo-norte é incapaz de fixar as fronteiras natais. Há um cearense que nasceu no catolé do Rocha, “no Rio Grande do Norte”. Os três Estados invocados são os responsáveis pela grandeza selvagem do

¹ Em *Alma Patrícia*, Cascudo apresenta uma análise da produção literária norte-rio-grandense até aquele momento e entre os dezoito poetas citados, pelo menos seis continuaram produzindo versos nos jornais ainda na década de 30: Sebastião Fernandes, Henrique Castriciano, Othoniel Menezes, Abner de Brito, Palmyra Wanderley e Virgílio Trindade.

trabalho realizado na terra verde. O escritor se revela em traço seguro.
[...]

(Autores e Livros, Luís da C. Cascudo, *A República*, 30/03/1930, p. 01)

3. 5 Notas da História Potiguar²,

Seção também assinada por Luís da Câmara Cascudo teve início em 13 de julho de 1930. Identificamos nesta seção 13 notas sequenciadas, todas do mesmo ano, em que esclarece desencontros de datas, de informações e, em alguns momentos, confrontam a tradição oral com os fatos históricos, conforme o exemplo:

A rua Santo Antonio

A tradição conserva a lenda de ter sido feita a igreja de Santo Antonio pelo capitão-mor Caetano da Silva Sanches. Esse Caetano assumiu o governo interinamente a 12 de agosto de 1791. Efetivo por patente de 27 de março de 1797 e ratificação de posse a 7 de fevereiro de 1798.

Há uma superstição para quem constrói igreja desde o alicerce. Morrerá no dia da missa inaugural. E possível ter os pecados atenuados. Curiosamente Caetano da Silva Sanches morreu em Natal em 15 de março de 1800.

O capitão-mor trouxera a planta da igreja numa outra de sua terra. E até o galo de bronze figurou. Lembrava mais a terra longe que o saudosismo aproximava sempre.

Lourival Açucena escreveu uma versalhada em que o galo da torre de Santo Antonio dava suas notícias. [...]

Está é a história popular, antiga e aceita. [...]

Mas a história não endossa a tradição. Aqui está um caso deste desencontro. Caetano da Silva Sanches assumiu em 1791. Em 1776 já tínhamos uma rua de Santo Antonio. Quinze anos antes da vinda do governador português.

Não é tudo. Há um registro de data de terra concedida a Maria Pereira dos Prazeres em 1785 e outra ao tenente José Barbosa Gouveia (o escrivão rabiscou – Gouveia em 1784). A primeira cita na rua de *Senhor Santo Antonio*.

Temos a igreja do Senhor Santo Antonio já feita e dando localização aos registros do Caetano dar um ar de sua graça entre nós. Sete annos antes de sua mercê assumir interinamente o governo da capitania a igreja estava erguida.

Pelo visto não foi Caetano da Silva Sanches o fundador piedoso da construção. Podia te-la terminado. E mesmo ter colocado o gallo de bronze no cimo da torre.

Mas a tradição, desta vez perdeu...

(Notas da História III, Luís da C. Cascudo, *A República*, 20 jul. 1930 p. 01)

Nesta seção, Cascudo apresenta estudos diversos que dizem respeito à história do Rio Grande do Norte. Em algumas notas, ele faz uso de outras vozes para confirmar

² Em carta a Mário de Andrade (05/12/1930 – CASCUDO, 2010, p.188), Cascudo informa o fim da seção histórica exclusivamente para *A República*. Possivelmente seja a seção ora apresentada, pelo fato de termos localizado somente *Notas* durante o ano de 1930. No mesmo ano, Cascudo inicia colaboração semanal no *Diário Nacional* por intermédio de Mário de Andrade.

suas pesquisas. Além da nota apresentada, são exemplos os títulos: “A mais antiga Villa do Estado”, “André de Cunha”, “Os marcos coloniais da Cidade”, dentre outros estudados pelo historiador-folclorista.

3. 6 Acta Diurna

Nessa seção temos a voz do Cascudo historiador. Teve início em 1938 e foi mantida até 1960. Entretanto, as publicadas no jornal *A República* correspondem aos anos de 1938 a 1946 e 1959 a 1960. As demais foram publicadas no jornal *Diário de Natal*. Segundo Fernandes (2006), é uma das seções mais duradouras nas páginas do jornal, fornecendo aos leitores informações sobre história, antropologia, política, personalidades, monumentos, dentre outros temas. O nome da seção vem do latim – Cascudo, enquanto professor de história do colégio Atheneu Norte-rio-grandense, encontra esse termo na história Antiga Romana – e é explicado pelo próprio historiador:

ACTA DIURNA era uma espécie de jornal diário, uma folha onde os acontecimentos do dia eram fixados pelas autoridades de Roma, para conhecimento do povo. Pregavam-na a uma parede num dos edifícios do FÓRUM. No ano 131, antes de Cristo, já existia a ACTA DIURNA, informando ao cidadão romano as ‘novidades’ ou diretivas governamentais. [...]

Dei-lhe batismo latino porque a intenção cultural é honrar o passado, nas suas lutas, alegrias, tragédias e curiosidades. E, se matéria nova aparece, comentada, é ainda o desejo de conservá-la no tempo para os olhos amigos de alguns leitores fiéis, nas páginas tradicionais d’A República, o mais velho dos jornais conterrâneos.

(Luís da C. Cascudo, *A República*, 03 ago. 1943 – Fonte: Ludovicus - Instituto Câmara Cascudo)

Considerações finais

Aqui foram expostos registros da participação de Eloy de Souza e Câmara Cascudo no jornal *A República* durante a década de 30 do século XX. O estudo sobre o jornal apresentado nos serviu como tentativa para compreender a conjuntura em que se apresentavam as publicações literárias no campo entre jornalismo, história e literatura, o que se confirma a importância histórica dessas fontes como espaço para a divulgação da produção literária e das atividades culturais do estado.

Neste sentido, cumprimos com o objetivo proposto de apresentar esses intelectuais que se destacaram como produtores e divulgadores da literatura norte-rio-grandense no campo das publicações em jornais nos anos de 1930. Haveria, sem dúvida, outros aspectos relevantes relacionadas à produção literária do estado durante os anos de 1930, entretanto, nesse momento, não correspondem ao nosso interesse.

Não foi objetivo de esse trabalho apresentar conclusões completas sobre o movimento cultural da década de 30 no Rio Grande do Norte. Contudo, é possível fazer algumas relações, sugerir e indicar para conclusões que poderão ser apresentadas em futuras pesquisas, haja vista os vários direcionamentos que o material pesquisado aponta.

Concluímos que na referida década há uma maior consciência e interesse pela realidade nordestina, a inserção de elementos da modernidade no ambiente urbano dialogando com elementos da tradição local. Nesse cenário, muitos escritores assumiam uma postura de consciência coletiva, a exemplo de Eloy de Souza e Câmara Cascudo, os quais tinham uma missão social para com sua terra que se justificava na escrita de ambos.

Referências bibliográficas

- 1] ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.
- 2] COSTA, Maria Suely da. *O canto da Cigarra e outros cantos: revistas literárias do Rio Grande do Norte nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.
- 3] CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*.
- 4] Organização de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.
- 5] _____. *Alma Patrícia: crítica literária*. Natal: Atelier Tipográfico M. Victorino, 1921, p. 117-134.
- 6] _____. O que quer dizer "Acta Diurna"?. *A República*, 03 ago. 1943. Disponível em: <http://www.mcc.ufrn.br/portaldamemoria/wordpress/wp-content/uploads/2009/07/Acta-diurna1.pdf>
- 7] FEITOSA, Polycarpo. *Quase romance quase memória*. Imprensa Oficial/Natal/RN, 1969.
- 8] FERNANDES, Anchieta. *História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte*. Natal: Depto. Estadual de Imprensa. 2006.
- 9] FERREIRA, José Luiz. *Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: entre a tradição, o moderno e regional*, tese (Doutorado em Letras), Universidade federal do Rio Grande do Norte, 2008.
- 10] GURGEL, Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que aconteceu na República das letras potiguar*. Natal, RN: Ed. Do Autor, 2009
- 11] MELO, Manoel Rodrigues. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1909-1987*. Natal: Fundação José Augusto, 1987 (Documentos Potiguares, 3).
- 12] MONTEIRO, M. C. S. D. *Crônica Literária: registros da modernização do Rio Grande do Norte na década de 20*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ⁱ Maria Aparecida de Almeida Rego. Especialista em *Leitura e produção de textos* pela UFRN. Professora da rede pública de ensino de Natal do Rio Grande do Norte
Cidinhalettras_ufrn@yahoo.com.br

ⁱⁱ Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo
Universidade federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Departamento de Letras
hharauj@gmail.com